

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM ESTUDOS
LITERÁRIOS**

**O ENSINO DE LITERATURA:
PRÁTICAS CORRENTES E PROPOSTAS DIDÁTICAS**

Sonia Maria Russo Barreto

**Cajazeiras
2008**

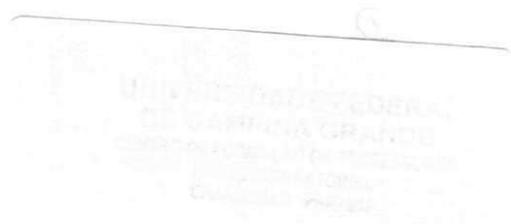
**O ENSINO DE LITERATURA:
PRÁTICAS CORRENTES E PROPOSTAS DIDÁTICAS**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação *lato sensu* em Estudos Literários do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande para obtenção do grau de Especialista em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Naelza Araújo Wanderley

Sonia Maria Russo Barreto

**Cajazeiras
2008**





B273e Barreto, Sonia Maria Russo.
O ensino de literatura: práticas correntes e propostas didáticas / Sonia Maria Russo Barreto. - Cajazeiras, 2008. 56p.

Não Disponível em CD.
Monografia(Especialização em Estudos Literários)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contem Bibliografia.

1. Literatura-estudo e ensino. 2. Literatura humanizadora. 3. Especialização. I. Wanderley, Naelza Araújo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

O ensino de literatura: práticas correntes e propostas didáticas

Sonia Maria Russo Barreto

Monografia aprovada em 06/11/2008 como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em ESTUDOS LITERÁRIOS, da UFCG – Centro de Formação de Professores/ Unidade Acadêmica de Letras, com a nota 80 pela seguinte banca:

Orientador: Prof. Dr.ª Náuzi de Araújo Wanderley

Ms. Márcia Cândida Rodrigues
(Argüidor(a))

Prof. Dr. José Wanderley Alves Sousa
(Argüidor(a))

**Cajazeiras, PB
2008**

O Amor é um sentimento sublime e imensurável. Porém, poucas são as pessoas que têm o privilégio de senti-lo tão profundamente. E eu sou uma pessoa privilegiada, porque **amo** e sou **amada**, por isso dedico este trabalho às pessoas mais importantes de minha vida: Saulo G. Barreto, meu esposo e eterno namorado, e aos meus filhos, alegrias e orgulho do meu viver, Saulo de Tasso, Paulo André e Ângelo Davi (*in memoriam*).

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A vida é um dom divino, por isso agradeço ao seu Criador o discernimento para elaborar esse trabalho.

Muitas pessoas nos são caras e não medem esforços para nos ajudarem, nesse ponto, destaco aqui nomes queridos que tenho a felicidade de conviver e que muito contribuíram na elaboração deste trabalho: Saulo Guerra Barreto, Saulo de Tasso, Paulo André, Josefa Elionita, Leonardo Rolim, e a todos os colegas do curso de pós-graduação em Estudos Literários.

Aos professores e alunos das Escolas: Colégio Nossa Senhora do Carmo e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, que contribuíram de forma carinhosa com suas respostas aos questionamentos que lhes foram direcionados.

À profª. Lúcia Lima, amiga sincera e prestativa que revisou este trabalho.

Aos professores e coordenadores do curso de pós-graduação em Estudos Literários agradeço a oportunidade de partilharem suas práticas e saberes necessários no processo de formação que nos propomos ao ingressar no referido curso, com tanto interesse e carinho.

À profª. Drª. Naelza Araújo Wanderley, que com sua paciência, inteligência e perspicácia conseguiu conquistar minha admiração, amizade e carinho.

A vocês, o meu muito obrigada.

A Literatura é o sonho acordado das civilizações, portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a Literatura (Antonio Candido).

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1 INTRODUÇÃO.....	08
2 O FENÔMENO LITERÁRIO E SUA INFLUÊNCIA HUMANIZADORA.....	11
2.1 A Literatura como forma sublime de expressão do homem.....	13
2.2 A função social da Literatura.....	15
3 A LITERATURA E A SALA DE AULA: O TRABALHO PEDAGÓGICO COM O TEXTO LITERÁRIO.....	19
3.1 A relação Literatura e escola: conflitos e perspectivas.....	21
3.2 As práticas docentes.....	25
3.3 Recepção dos discentes.....	29
4 A FORMAÇÃO DE LEITORES COMPETENTES: UMA BUSCA POR NOVAS ESTRATÉGIAS.....	34
4.1 A leitura como ponto de partida.....	37
4.2 Didatização da proposta.....	39
4.2.1 Montar ou diversificar uma biblioteca na escola.....	40
4.2.2 Variedades de tipos textuais.....	40
4.2.3 O trabalho com o texto poético.....	41
4.2.4 A leitura compartilhada – o rodízio de livros.....	41
4.2.5 A estratégia da predição.....	41
4.2.6 O trabalho com o texto jornalístico.....	42
4.2.7 Os textos virtuais.....	42
4.2.8 O relaxamento literário.....	43
4.2.9 Um assunto puxa o outro.....	43
4.2.10 Explorando o fantástico.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
APÊNDICE A: Questionário para discentes	49
APÊNDICE B: Questionário para docentes	53

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de observar como se processam as práticas de ensino de Literatura desde o século XIX até os presentes dias, bem como propor estratégias metodológicas que dinamizem as aulas de literatura. Tomou-se como universo de pesquisa duas escolas de ensino médio da cidade de Cajazeiras-PB, uma pública e outra privada, procurando-se analisar as práticas de ensino de Literatura a partir das respostas obtidas através de questionamentos direcionados a docentes e discentes das mesmas. O sentido humanizador, as funções da literatura e a leitura são pontos importantes que também foram abordados neste trabalho, referenciando Cândido (2004), Cosson (2006), Cereja (2005), Aguiar (1979) e Bordini (1988), assim como a didatização de novas estratégias que tornarão as aulas de literatura mais atraentes e prazerosas. Concluiu-se que as práticas de ensino de Literatura não divergem nas duas escolas pesquisadas, pois ambas privilegiam o historicismo literário e estilos de época ao invés de se trabalhar com o objeto principal do estudo da Literatura que são os textos literários.

Palavras chaves: Ensino, Literatura humanizadora, estratégias metodológicas, leitura.

BARRETO, Sonia Maria Russo. *O Ensino de Literatura: Práticas Correntes e Propostas Didáticas*. 2008

ABSTRACT

This work has the objective of to watch how is processed the literature's teaching since the XIX century until nowadays, like that to propose methodological strategies what becomes the Literature's classes very well dynamic. Taked as research's universe two high schools in Cajazeiras's city – PB, one public and one private, finding to analyse the teaching literature's practices through of answers obtain in questions bounds to teachers and students of them. The humanist reason, the literature's functions, the reading are important points what too was accosted in this work, referencing Cândido (2004), Cosson (2006), Cereja (2005), Aguiar (1679) and Bordini (1988), like that the didactization of news estrategics what will become the literature's classes more attractive and pleasants. It was concluded that the practice of teaching literature does not differ in the two schools surveyed, as both favour the historicism and literary styles of time instead of working with the main subject of study of literature that are the literary texts.

Key-words: Teaching, humanist literature, methodological strategies, reading.

1 INTRODUÇÃO

É notório que sempre houve equívoco em relação às práticas de ensino de Literatura, principalmente, o trabalho com o texto literário em salas de aula de ensino médio, pelos profissionais que as ministram.

A forma como essas aulas são aplicadas é tão antiga que não promove nenhum interesse nos alunos que entram num processo de desestímulo e inquietação; bem como incomodam bastante aos professores.

Partindo-se desse princípio, o trabalho: *O ensino de Literatura: práticas correntes e propostas didáticas*, voltou-se para a observação da realidade das aulas de literatura nas salas de ensino médio de uma escola privada e outra pública na cidade de Cajazeiras – PB. Por que a Literatura não atrai os discentes? Que estratégias estão sendo utilizadas nas aulas de Literatura? Como se está abordando o texto literário em sala de aula? São questionamentos que, ao longo desta pesquisa, foi-se tentando elucidar; propondo-se métodos simples que possam promover alguma mudança nesse cenário de apatia e desinteresse em que se encontram os alunos quando se refere à Literatura.

O tema abordado neste trabalho surgiu da necessidade de se fazer com que os envolvidos no processo de ensino percebam que mais do que uma simples disciplina, Literatura é arte: a arte da palavra que humaniza como afirma o crítico Antônio Cândido em seu texto *Direito à Literatura* (1990, p.249).

Esta pesquisa teve como suporte teórico autores como: Hélder Pinheiro, que tão bem analisou a relação da Literatura com o aluno, quando classificou esse encontro de *tormento*, em virtude da forma como vem sendo vivenciada em sala de aula; Leahy Dias com seus questionamentos sobre os efeitos que causam nos alunos o ato de memorizar características de diferentes estilos de época, situando a produção literária em blocos monolíticos; Magda Soares e sua definição de *letramento literário*, até então inédito nos meios docentes; Antonio Candido quando defende a literatura como um direito indispensável ao indivíduo, em sua forma humanizadora; Marisa Lajolo por propor uma educação para a Literatura que desperte o aluno para a compreensão do texto literário em suas múltiplas facetas; também se utilizaram os documentos: *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*, e os novos *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: linguagens, códigos e suas tecnologias* que dão suporte para uma transformação no ensino de Literatura.

O objetivo geral que regeu este trabalho foi o de observar o Ensino de Literatura nas seguintes escolas de ensino médio: Colégio Nossa Senhora do Carmo (privada) e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho (pública) na cidade de Cajazeiras-PB; assim como foi verificada a recepção dessas aulas por partes dos alunos, e foram elaboradas novas propostas e estratégias para o ensino de Literatura.

A pesquisa apresentou como objetivos específicos: diagnosticar as práticas de literatura nas salas de aula de ensino médio de uma escola privada e outra pública na cidade de Cajazeiras-PB; observar a diversidade de leituras produzidas pelos alunos em contextos não escolares; avaliar os enfoques que orientavam o trabalho no ensino de literatura nas referidas escolas; reconhecer as estratégias utilizadas pelos docentes para a atualização do ensino de literatura e observar o nível de importância atribuída a ela pelos alunos.

Para concretização deste trabalho, partiu-se do seguinte princípio: observação da realidade do ensino das aulas de Literatura, elaboração de um diagnóstico das prováveis falhas deste processo, levando-se em consideração as estratégias de trabalho, métodos e recursos; assim como a apreensão dos alunos em relação ao conteúdo utilizado pelos professores; direcionamento de questionários aos docentes e discentes das duas escolas, para a obtenção de coleta de dados para análise, através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. Utilizou-se estas metodologias por considerá-las importantes para o que foi proposto neste trabalho.

Todo trabalho de pesquisa requer recursos materiais e humanos e, às vezes, financeiros para que se possa efetuar-lo. Neste, utilizou-se como recursos materiais como: papel ofício, lápis grafite, borracha, régua, apontador, caneta, livros, computador, tinta para impressora, xerox, encadernamento; enquanto os recursos humanos foram: gestores, docentes e discentes das referidas escolas.

Direcionou-se, assim, o trabalho, *O Ensino de Literatura: práticas correntes e propostas didáticas*, voltou-se para uma análise das práticas de ensino de literatura que tanto angustiam os professores, causando desinteresse nos alunos.

O presente trabalho apresentou uma abordagem sobre *O fenômeno literário e sua influência humanizadora*, partindo-se da origem da palavra *literatura*, chegando-se ao seu sentido humanizador, que o crítico Antonio Candido (2004) defende com tanta maestria.

Através da palavra, o homem expressa seus sentimentos, angústias, desejos, revoltas, emoções, por isso se diz que a literatura é *a forma sublime de expressão do homem*. Esta outra abordagem fez-se nesse primeiro momento, assim como *a função social da literatura*, que enfatizou o papel transformador que a literatura exerce na sociedade, bem como outras

funções que lhes foram atribuídas, desde a antiguidade clássica, também.

A Literatura e a sala de aula: o trabalho com o texto literário faz parte do segundo momento deste trabalho, onde se pretendeu mostrar os equívocos praticados com relação à obra literária, enfatizando as causas através de uma abordagem histórica sobre as aulas de literatura no Brasil, desde a visão humanística até a atualidade com os novos *Referenciais Curriculares* (2006). Ressaltou-se também, nesse momento, uma análise de questionamentos que foram direcionados a docentes e discentes de uma escola pública e outra privada, (já citadas) na cidade de Cajazeiras-PB, em relação às metodologias usadas pelos professores, e as perspectivas dos alunos.

O terceiro momento: a *Formação de leitores competentes: uma busca de novas estratégias* se ateve à leitura como ponto de partida para a aprendizagem, onde foram propostas novas estratégias que estimulem os alunos a se voltarem mais para a leitura, posto que ler é ampliar horizonte; como também para a *didatização da proposta*, que tem como objetivo tornar as aulas de literatura mais interessantes e sugestivas, conforme os anseios dos alunos; sem esquecer, no entanto, da abordagem do texto literário, objeto central dos estudos de literatura.

Espera-se que a proposta deste trabalho seja enriquecedora e atraente, contribuindo para a mudança de métodos com relação ao ensino de Literatura; procurando torná-lo mais dinâmico e prazeroso, tanto para o docente como para o discente, numa oferta de oportunidade de se trabalhar com o texto literário, atribuindo-lhe a importância que a literatura requer, já que ela é a arte da palavra.

A proposta aqui apresentada é uma pequena contribuição para dinamização das aulas de literatura, pressupondo-se que o estudo da mesma está diretamente ligado à leitura.

2 O FENÔMENO LITERÁRIO E SUA INFLUÊNCIA HUMANIZADORA

Até o século XIII, a palavra *literatura*, que deriva do latim *littera – letra* – significava instrução, saber relativo à arte de escrever e ler, ou ainda gramática, alfabeto, erudição, etc. Só por volta da penúltima década do século XVIII, à palavra *literatura* é atribuída um novo e importante significado, passando a designar o fenômeno literário em geral como criação estética, como específica categoria e forma de conhecimento. (AGUIAR 1979, p.23)

Nos tempos mais modernos, o vocábulo *literatura* designa textos que buscam expressar o belo e o humano através de seu instrumento: a palavra, podendo-se utilizá-la com significados mais amplos, porém é necessário que se distinga seu emprego genérico de seu sentido artístico, criativo, subjetivo. Veja-se o que o escritor Anthony Burgess diz a esse respeito:

[...] a duas maneiras de usar palavras: uma artística, outra não – artística Isso significa que as próprias palavras devem ser vistas de duas maneiras diferentes. Há, de fato, o significado que uma palavra tem no dicionário e que é chamado o significado léxico ou denotativo e a associação que a palavra adquire através do uso constante (as conotações das palavras). O escritor de literatura está muito mais preocupado com as conotações, as maneiras pelas quais ele pode fazer com que suas palavras nos comovam ou excitem; as maneiras pelas quais pode sugerir cor ou movimento ou caráter. O poeta, cujo trabalho é tido como aquele que representa a mais alta forma de literatura, está sobretudo preocupado com as conotações das palavras. (1999, P.13-14)

Literatura, portanto, diz respeito aos textos que possuem uma preocupação estética, provocando prazer e conhecimento por sua forma, conteúdo e organização. Sendo expressão do homem, é o meio privilegiado de comunicação, pois explora todas as potencialidades da linguagem.

É necessário, para que se possa entender por literário, saber que seu instrumento, a palavra, gera possibilidades infinitas de expressão (plurissignificação), já que cada uma delas admite flexões de sentidos. Porém, o ponto mais elevado da literatura e que se faz mister comentar é a linguagem. A linguagem é, pois, o ponto culminante de um longo caminho que demorou muito tempo para se efetivar na evolução da raça humana. A aquisição da linguagem oral, sua organização e seus códigos exigiram esforços de associação, para se expressar os desejos, sentimentos e emoções. Essas associações denominaram-se palavras, um sopro de ar articulado tão revelador e transformador que o homem sentiu necessidade de representá-lo materialmente, surgindo assim, os alfabetos e vários idiomas que, paulatinamente, começaram a ter representação gráfica.

Mesmo depois da invenção da escrita, as formas de expressão oral da literatura permaneceram por muito tempo ainda, pois as histórias eram mais ouvidas de que lidas, em face à raridade do alfabetizar e, também, por serem os livros privilégios de poucos leitores. Assim, na Idade Média, as histórias eram cantadas ou entoadas por rapsodos e poetas trovadores, ou encenadas em teatro de rua. Inclusive, algumas histórias famosas da antiguidade clássica foram transmitidas oralmente durante bastante tempo, e só foram escritas, duzentos anos depois de criadas; quando os gregos adotaram o alfabeto fenício; pois, segundo se sabe, os fenícios foram os primeiros a inventar um alfabeto, embora não tenham deixado nenhuma obra literária escrita. Outros povos antigos, todavia, legaram ao mundo textos artísticos que ultrapassaram milênios: chineses, persas, hindus, hebreus, egípcios, entre outros, produziram obras de interesse universal que ecoam até os dias atuais. Eles souberam captar o que havia de essencial na condição humana, de extravasar o divino, o metafísico.

Por meio da palavra escrita, o homem fez registros de ordem documental e prática, firmou acordos e contratos, enviou mensagens, colecionou informações e dados. Porém, um dia usou graficamente a palavra como expressão de suas idéias e sentimentos mais profundos, como a formalização de seu olhar subjetivo sobre o mundo. Roger Caillos, em sua *Arte Poética*, ilustra o início da literatura com a seguinte história:

A um mendigo cego, o qual os passantes não davam quase nada, um desconhecido fez com que ele ganhasse muitas esmolas, substituindo o cartaz que carregava com os dizeres “Cego de nascença” por outro: “A primavera vai chegar, e eu não a verei”. Eis aí o início da literatura. (*Apud* MAIA. 2002, P.53)

A literatura, também, é ação porque interfere indiretamente nas consciências, no sentido de humanizar o próprio homem.

Antonio Candido, em seu texto *Direito à Literatura*, retrata com clareza o sentido de humanização que a literatura pode provocar:

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (1918, p.272)

A literatura busca o essencial, o universal, contribuindo para a formação do homem, indicando-lhe modos de agir, retratando seus pensamentos e emoções. Fazendo desse

modo com que o homem se conheça cada vez melhor.

O homem se vale da literatura como forma sublime de expressão, pois, através da arte verbal, ele expressa seus pensamentos, desejos, angustias, prazeres e emoções. Assim, a literatura pode ser apreciada com um valor em si mesma.

2.1 A Literatura como forma sublime de expressão do homem

A palavra é a expressão mais significativa do ser humano. Através da palavra, transmitem-se sentimentos, emoções, revoltas, travam-se desafios, enfrentam-se combates...

O poeta Carlos Drummond de Andrade em sua poesia *O Lutador*, expressa, através da metalinguagem a arte de compor:

Lutar com palavra
 é a luta mais vã.
 Entanto lutamos
 mal rompe a manhã.
 São muitas, eu pouco.
 (...)
 Palavra, palavra
 (digo exasperado),
 Se me desafia
 aceito o combate. (Apud TERRA. NICOLA. 2004, p.496)

Para Drummond, cabe ao poeta o esforço de selecionar o(s) sentido(s) de cada uma das palavras, para depois ordená-las de maneira tal, atribuindo-lhes sentidos variados, características da linguagem literária; aceitando, desse modo, o desafio do fazer poético, para concretizar a mais sublime das expressões do homem: a literatura, pois a palavra compõe a obra.

Palavra, palavra, como explicá-la? A palavra é composta de sons, unidades mínimas que se denominam fonemas. A palavra é considerada o meio direto pelo qual o homem expressa seus sentimentos, vontades, crenças e valores.

A transmissão de conhecimentos e as manifestações artísticas não teriam razão de ser, se o homem, através dos tempos, não criasse formas de linguagem que possibilitassem a comunicação, não só entre as pessoas de uma mesma época, mas de toda as gerações.

Desde que o mundo é mundo, o ser humano busca transmitir suas emoções, pensamentos e sentimentos. O homem pré-histórico começou a desenhar nas paredes das cavernas as histórias que desejava contar. Esses desenhos foram o primeiro passo para a

escrita, que viria milhares de anos depois, contribuir, mesmo muito tempo antes, para o aparecimento do alfabeto o qual representaria os sons da fala. Após o surgimento do alfabeto, ficou mais fácil para o homem expressar o que lhe vinha na alma, pois ele começou a utilizar a expressão verbal (ou arte verbal), quer dizer a literatura. Assim, a literatura oral e escrita é uma das manifestações mais importantes do fazer humano.

Em que sentido específico a literatura é uma arte? Para essa indagação vem se buscando resposta desde a antiguidade clássica. Platão considerava a poesia como uma forma de *imitação* da realidade, pois ela reproduzia ou recriava em palavras as experiências da vida (imitação das aparências), porém afastada da realidade, ou seja, que não é a coisa verdadeira ou real. Com Aristóteles caiu o sentido negativo de imitação, apesar dele acreditar que o sentido de imitação era importante e que estava nas entranhas do homem desde a infância (imitação das essências) e isso era que o distinguiu dos animais irracionais. Para ele, usando termos mais positivos, a literatura era a representação ou recriação da vida (*mimesis*). (Apud AGUIAR, 1979 p.111)

O interesse pela experiência psicológica do público também tem suas origens na Antiguidade Clássica. Aristóteles descreveu o estado de catarse como sendo a purgação do medo e da compaixão que os espectadores sofriam no ato da representação de uma tragédia. Nesse caso, o objetivo principal da literatura seria comover o público, despertar reações emocionais e, assim despertar prazer.

Uma outra vertente teórica relaciona literatura com o seu criador, ou seja, ela é o produto do poeta, dramaturgo ou romancista. Há, porém, duas concepções do poeta e sua obra, advindas dos tempos clássicos: uma diz que o poeta é dotado de inspiração divina, uma divindade fala através dele. Seguindo este ponto de vista, a literatura seria a sabedoria, o mais profundo fruto de inspiração divina, criada num estado de êxtase. A outra concepção é a de considerar o poeta um artífice da palavra; aquele que tem plena consciência do que está fazendo no momento da composição. Neste caso, a obra literária é considerada uma peça artisticamente trabalhada.

No final do século XIX, com o advento do Romantismo, uma nova versão da primeira teoria popularizou-se. Danziger, (1974) em seu livro *Introdução ao Estudo Crítico da Literatura*, retrata bem essa nova versão, de como a literatura é considerada uma forma de expressão. Veja-se a seguir:

O poeta é um gênio que, através de sua imaginação e de suas emoções, está apto a apreender e registrar verdades sobre o homem que a gente comum, ordinariamente, não reconhece nem sente. A Literatura, nesse caso, é considerada uma forma de expressão – e expressão no sentido básico de um processo pelo qual sentimentos fortes e irrimediáveis são publicamente revelado. (1974, p.24)

Em todos os casos, a Literatura é criada por uma determinada pessoa. Imitação ou não, estado de catarse ou forma de expressão, esses conceitos não anulam as primícias de que Literatura é uma arte, a arte da palavra. É a forma sublime de expressão do homem e com uma função social bem definida.

2.2 A função social da literatura

Como todo tipo de arte, a literatura está vinculada à sociedade em que se origina. Não existe artistas completamente indiferentes à realidade, pois, de alguma forma, todos participam dos problemas enfrentados pela sociedade, apesar das diferenças de interesses e classe social.

O escritor é um membro da sociedade, pertence a uma determinada classe social, mas a literatura não pode ser considerada apenas uma expressão da sociedade em que ele vive. A Literatura não só reproduz a realidade, mas dá forma a um tipo da realidade, ela não obedece ao princípio da imitação estabelecida por Platão, mas ao princípio da transposição da realidade.

Partindo das experiências pessoais e sociais, o artista recria a realidade, dando origem a uma outra realidade ou a uma realidade ficcional. Por meio dessa outra realidade, ele consegue transmitir seus sentimentos e idéias ao mundo real de onde se origina. A reação do público à obra também pode modificar atitudes futuras do artista. Assim, a obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade. E, como outras obras de arte, ela não só nasce vinculada a certa realidade, mas também pode interferir nela, contribuindo no processo de transformação social.

Antes, porém, de se falar da função social da literatura, é bom que se faça um rápido apanhado de outras funções atribuídas a ela (a literatura).

Até meados do século XVIII, atribuía-se à literatura uma finalidade hedonista ou uma finalidade pedagógica – moralista – função cognitiva – que consistia em passar conhecimentos, de ser utilizada para ensinar alguma coisa ou difundir conceitos morais do comportamento humano. Essa foi uma prática muito utilizada pelos jesuítas, aqui no Brasil na tentativa de catequizar e civilizar os índios. A literatura, com esse fim, enfatiza a utilidade da mesma em lugar do prazer, e nesse ponto foi muito criticada por Baudelaire, Oscar Wilde, Gautier, (Apud AGUIAR, 1979 p.91) entre outros.

A função estética só adquiriu força e fundamentação a partir do século XVIII, e Kant contribuiu de forma significativa para que a literatura fosse concebida como um domínio autônomo, ou seja, sua existência não precisava ser atrelada a um ideal moral – religioso – social para ser justificada. (Apud Aguiar, 1979, p. 82)

A *arte pela arte* se alastrou pela literatura europeia e americana e se revelou como movimento estético no século XIX.

Victor Aguiar, em seu livro *Teoria da Literatura*, critica a forma como foi explorada a *arte pela arte*:

A arte pela arte (...), como escola literária historicamente situada e determinada, é fenômeno característico do século XIX, ligado à invasão crescente do mundo moderno pela técnica e à tendência burguesa para transformar a obra de arte em mercadoria. (1979, p.86)

A expressão *arte pela arte* surgiu pela primeira vez em 1804 e está relacionada com os meios românticos alemães. Essa doutrina nega a possibilidade de identificar ou sequer aproximar a utilidade e a beleza, negando, portanto, o valor utilitário da obra literária.

A função Catártica data de Aristóteles. Na sua *Poética*, ele afirma categoricamente que a função da poesia é o prazer (hedoni), um prazer puro e elevado. (Apud AGUIAR, 1979, p. 111). Vale salientar que Aristóteles referia-se à tragédia (como modalidade do drama), os efeitos que ela produzia nos espectadores.

O termo catársis é um termo técnico, usado pela medicina do tempo de Aristóteles, significando purgação. Também, era empregado na linguagem religiosa como sinônimo de expiação ou purificação. Dessa forma, a função catártica da literatura consistia em liberar sentimentos e aliviar a pressão das emoções.

A Literatura é muito importante para a relação da humanidade com os conhecimentos da história, pois ela absorve e expressa as condições do contexto em que é produzida, e está sujeita às variações ou mudanças que nele ocorre.

A função político-social da literatura, muitas vezes, assume formas de denúncia social, de crítica à realidade vivenciada por determinada sociedade, daí se tem a literatura *engajada*, *comprometida* que serve a uma causa político-ideológica ou a uma luta social, comprovando a visão do estar-no-mundo de forma ativista, com uma preocupação existencial: o compromisso com o outro.

Se a arte é social e Literatura é a arte da palavra ou forma de expressão do homem por meio da palavra e a palavra a unidade básica da língua, conclui-se que a literatura, assim

como a língua que ela utiliza, é um instrumento de comunicação e de interação social e, por isso, cumpre também o papel social de transmitir conhecimentos e a cultura de uma nação. Partindo dessas premissas, é interessante saber em que medida a arte é expressão social e em que medida é social. Ela será expressão da sociedade na medida em que descreve os modos de vida e interesses de classes ou grupos; e ela será social quando estiver voltada para ordem moral ou política, numa retomada ao século XIX. Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, faz referência a esses dois aspectos:

Para o sociólogo moderno, (...) as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (1961, p.20)

O poeta americano, Ezra Pound, em sua obra *ABC da Literatura*, expressa seu pensamento em relação à função social da literatura:

A literatura não existe no vácuo. Os escritores como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores. Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com o ponto de vista particular de cada um. (...) A linguagem é o principal meio de comunicação humano. Se o sistema nervoso de um animal não transmite sensações e estímulo, o animal se atrofia. Se a literatura de uma nação entra em declínio, a nação se atrofia e decai. (1977, p.36)

A literatura interfere indiretamente nas consciências, no sentido de humanizar o próprio homem, pois ela atua internamente na consciência do leitor. Ela é um meio convincente, posto que o receptor passa mais tempo diante da mensagem artística do que o receptor das outras artes (pintura, escultura, arquitetura...).

A serviço da transformação da sociedade, a literatura provoca estímulos de emoção, subjetividade, principais fontes de transformação social, porém ela não é só humanizadora, também pode causar transtornos psíquicos e morais, já que ela é transfiguração do real. Antonio Candido, em seu texto; *Direito à Literatura*, assim se expressa em relação ao efeito que os textos literários podem produzir no homem, tanto para o bem quanto para o mal. Veja-se o que segue:

... há conflito entre a idéia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (...) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe nem edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em seu sentido profundo, porque faz viver. (2004 p.176)

Por uma sociedade mais justa, pressupõe-se o respeito aos direitos humanos e a fruição da arte da literatura, posto que são direitos inalienáveis dos indivíduos.

Mas, como será que se está trabalhando a literatura em salas de aula do ensino médio? Será que se tem consciência desse direito inalienável?

É direito do aluno conhecer a literatura na sua verdadeira essência, e o texto literário é o seu principal objeto de estudo. Pensando-se dessa forma, é interessante que se faça um estudo que se volte mais precisamente para a verificação do trabalho com o texto literário que está sendo efetuado nas escolas de ensino médio, uma privada e outra pública na cidade de Cajazeiras.

3 A LITERATURA E A SALA DE AULA: O TRABALHO PEDAGÓGICO COM O TEXTO LITERÁRIO.

O que fazer com o texto literário em sala de aula funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas.

A literatura deve ser compreendida como produção artística inserida na cultura, sofrendo influências de ordem política, social, ideológica, histórica, entre outras. Porém, normalmente, o aluno não apresenta essa concepção, não consegue perceber que a obra literária é produto de um contexto maior, no qual visões de mundo, valores ideológicos de uma época, costumes, lendas, enfim, a diversidade de elementos culturais participa ativamente, influenciando a constituição do texto. *O que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato, que o identificam com outros homens e lugares diversos.* (BORDINI, AGUIAR, 1988, p.14).

Talvez a falta de concepção em relação ao estudo de literatura em sala de aula, das reuniões pedagógicas, se dê pela velha cultura de que os alunos não lêem ou só lêem se obrigados. Daí, se levar ao estágio de irrelevância essas aulas.

Por outro lado, a forma como as aulas de literatura são ministradas são tão rotineiras e inexpressivas, que os alunos tornam-se apáticos e desestimulados à leitura. Isso acontece há centenas de anos: as práticas são as mesmas, acarretando o distanciamento do aluno em relação ao objeto de estudo, que deveria ser primordialmente o texto literário.

Um poeta já escrevia em seus sonetos: *mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.* E se constata isso na sociedade em que se está inserido, onde os jovens estão voltados para os jogos eletrônicos, navegar na internet etc., e os professores parados no tempo voltam o estudo de literatura para resumos, fragmentos do texto literário, quando não se atêm ao historicismo e ao biografismo.

Didaticamente, autores e obras foram enquadrados a determinados estilos de época ou escolas literárias, difundem-se as características de cada estilo, panorama político-social e econômico da Europa e do Brasil, exploram-se biografias, e a obra literária fica relegada a fragmentos e resumos, aumentando cada vez mais a distância entre o aluno e o texto literário na sua essência.

Indiscutível e essencial é a abordagem do texto literário nas aulas de literatura, a fim de que o aluno perceba a importância que eles têm para a sua formação social, cultural e intelectual. Porém, para que haja interesse do aluno pelo texto literário, é preciso que ele seja

persuadido, motivado e estimulado à prática da leitura, assim como o professor te que despertar para mudanças exigidas pelo tempo. Essa preocupação, Leahy Dias expressa em seu livro, *Língua e Literatura: uma questão de educação?* Veja-se:

De que adianta ensinar os alunos a memorizar características dos diferentes estilos de época, situando-se a produção literária em blocos monolíticos de períodos literários, se os alunos não conseguem ter uma compreensão mais ampla e crítica do objeto literário? (2001, p.20)

Rildo Cosson, em seu livro, *Letramento Literário*, divide as atividades desenvolvidas em sala de aula em dois extremos: *a exigência de domínio de informações sobre a literatura e o imperativo de que o importante é que o aluno leia, não importando bem o que, pois a leitura é uma viagem, ou seja, mera fruição.* (2006, p.15)

Certamente, não é uma forma prazerosa de estudar literatura já que é a arte da palavra e, quanto a ler por ler, uma consequência dessa atitude é a formação de um leitor passivo, que, quando não consegue construir o sentido do texto, acomoda-se facilmente a essa situação.

Muitas vezes o texto literário se apresenta para o aluno como incômodo e enfadonho, pois ele pressente que, a partir daquela leitura, virá uma prestação de contas, deveres, tarefas e obrigações que implicarão numa mera atribuição de nota ou conceito.

Hoje, deve-se levar em conta uma preocupação contundente em relação ao texto literário; pois parece que o que fazer com ele não seja mais competência dos professores, porque já faz alguns anos que, decidir isso, é da competência de editoras, livros didáticos e paradidáticos, muitos dos quais se afirmaram como monopolizadores do mercado escolar, na razão direta, quando tira dos ombros dos professores a tarefa de propor as aulas.

Enquanto não ocorrer uma compreensão por parte dos professores de literatura, as aulas continuarão desinteressantes, enfadonhas, devido aos exercícios fragmentados e repetitivos de boa parte dos manuais didáticos, ao comportamento tradicional (e arcaico) diante do texto literário, à avaliação da leitura literária como forma de punição para o aluno e não de prazer.

É necessário despertar e procurar se fazer uma reavaliação das metodologias utilizadas no ensino de literatura, principalmente, no que tange a abordagem do texto literário, visando promover alternativas didáticas de ensino-aprendizagem capazes de motivar os alunos à leitura pela descoberta do mundo, ou ainda melhor, à leitura crítica do texto.

É importante que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político e humanizador capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade. Esse é um desafio para a Escola: fazer com que o aluno adquira tal percepção.

3.1 A relação literatura e escola: conflitos e perspectivas

A literatura independe da escola para sobreviver. Apesar disso, dada sua importância para a leitura e a cultura de um país, assim como para a formação de jovens leitores, a literatura transformou-se, em várias partes do mundo, em disciplina escolar.

A abordagem e a sistematização do estudo de literatura na escola podem se dar de diferentes formas: por épocas, por temas, por gêneros, por comparação, por biografismos, etc. No Brasil, no último século, a abordagem histórica da literatura, isto é, o estudo da produção literária dos principais escritores e suas obras através dos tempos, tem sido mais comum e conflitante também, posto que o aluno, geralmente, pergunta ao professor: *Essa aula é de literatura ou história?* Tal fala angustia o professor, principalmente, aquele que vê a literatura como uma manifestação artística cuja matéria prima é a palavra. A esse respeito, assim, escreveu o professor Helder Pinheiro:

A literatura se tornou, para a maioria dos alunos do nível médio, não um encontro pessoal com determinada obra, mas um tormento, uma vez que têm que decorar uma lista relativamente longa de autores e obras, características de estilos de época, afora as fichas de leitura para serem respondidas. (1997, p.114)

Os clássicos afirmavam que a arte literária é a realização do belo literário, ou seja, trabalhando a palavra, o artista busca uma expressão formal, o ritmo, o estilo, a forma. E é a essa percepção que se deve levar o aluno. O que não se pode, ou não se deve, é fazer da literatura apenas uma *disciplina* para apreensão de nota, levando-se em consideração apenas suas historicidade, os estilos de época, características, temática e biografismo, esquivando-se do trabalho com o texto literário. São aspectos importantes? Com certeza; porém não os mais fundamentais. O desencontro literatura-jovens que acontece nas escolas é o mesmo por boa parte dos professores: os alunos não lêem e os professores também não; os alunos escrevem mal e muitos professores também. Porém, esse é um ponto abrangente e discutível que não vem ao caso agora.

O estudo de literatura nas escolas está vinculado ao livro didático, por sinal, muito criticado por ser apenas um mero transmissor de conceitos, recheados de contextos históricos, etc, relegando o texto literário a resumos e/ou fragmentos.

A consolidação do uso do livro didático está relacionada com a reforma do ensino, particularmente, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus, Lei 5.6992/71, de 1971.

Desde o século XIX, os estudos literários em nossas escolas fizeram parte do modelo humanista de educação, introduzido no Brasil pelos jesuítas.

Numa visão pedagógica, compreende-se o modelo humanista de educação como aquele que se volta para a formação integral do ser humano, para a aquisição de uma cultura geral ou universal, que é ou pode ser comum a todos.

O ensino brasileiro dedicou, durante o período colonial, especial atenção às humanidades, segundo os modelos europeus de educação e ignorando as peculiaridades do povo brasileiro. O programa escolar trazido pelos jesuítas em meados do século XVI; traziam o seguinte currículo: estudos gramaticais, literários e os retóricos.

Como a Independência do Brasil, a Constituição de 1823 determinava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos. Apesar disso, a lei não foi cumprida, e a educação esteve durante quinze anos atrelada ao método Lancaster, que consistia em atribuir aos alunos mais preparados a tarefa de ensinar seus conhecimentos aos colegas (uma forma econômica de promover o ensino).

Em 1837, foi fundado o Colégio Pedro II para oferecer à elite um programa escolar erudito, contraditório à realidade brasileira. Direccionava-se apenas aos burgueses e elitistas.

A literatura nacional só foi incluída oficialmente no currículo do Colégio Pedro II, a partir de 1862. No período de 1870-1876, a disciplina explícita no seu título a abordagem histórica que a caracterizava desde o início: *História da literatura* em geral e especialmente da portuguesa e da nacional.

Durante anos, os livros: *História da Literatura Brasileira*, de Silvio Romero, e o curso de *História da Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga, foram os livros básicos de ensino de literatura no Colégio Pedro II.

De 1912 a 1926, a reforma do ministro Rivadávia Correia e do decreto 8.660, de 05/04/1911, eliminou as cadeiras de Lógica e de Literatura para dar lugar às cadeiras de Higiene e Instrução Cívica.

Em 1925, a reforma do ministro João Alves determinou que várias cadeiras fossem introduzidas no curso secundário entre elas a de Literatura Brasileira.

Como se percebe, o ensino da história da literatura está enraizado desde meados do século XIX a meados do século XX. Qualquer proposta de ensino que cause ruptura com o passado, irá se deparar com resistências e dificuldades por parte de muitos professores

O conjunto de documentos publicados a partir da Lei 9.394/96 – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio os Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio apontam para um caminho diferente, de

busca do conhecimento de relevância para o aluno: a interdisciplinaridade, participação social e ou compromisso com a cidadania, a integração do estudante no mundo globalizado e tecnológico, etc. São iniciativas louváveis, porém faltam aos documentos debates sobre a área específica de Língua Portuguesa. Valendo ressaltar que alguns documentos como PCNEM+ e PCN+ são de pouco conhecimento de um número grande de professores.

O ensino fundamental foi preocupação constante do governo de Fernando Henrique Cardoso, resultando em iniciativas como a compra do manual didático e a difusão dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais); da mesma forma acontece nos dois primeiros anos do governo Lula.

Somente a partir de 2004, o MEC passou a se preocupar com o Ensino Médio e tomou uma série de medidas importantes: avaliação dos livros didáticos, inscritos no PNLEM; compra de livros para região Norte e Nordeste, buscando assim uma reforma para o Ensino Médio.

Na elaboração dos PCNs percebe-se claramente que nada se refere ao ensino de literatura. Foi com base nessa observação que as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, linguagem, códigos e suas tecnologias, direcionou um capítulo inteiro para o estudo de literatura no Ensino Médio, defendendo sua importância no currículo escolar.

Os novos *Referenciais Curriculares* vêm sugerir a formação do leitor literário, ou seja, de *letrar literalmente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo que tem direito*. (*Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2006 p.54*). Isso implica em se promover o letramento literário. Entendendo-se por *letramento* estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. (SOARES. 2004, p.47).

Dessa inferência, pode-se deduzir que letramento literário seria um estado ou condição de quem se apropria efetivamente, por meio da experiência estética, de textos poéticos, dramáticos, narrativos, enfim, de textos literários, porém compreendendo-se que nem todo escrito pode ser considerado literário. Todavia, o que se percebe no ensino de literatura, nas salas de ensino médio, é que não acontece o *letramento literário*. Os alunos lêem, mas não apreendem o sentido do texto. Lêem apenas por exigência da escola. O professor, desmotivado e/ou despreparado, não sabe como encaminhar esse provável leitor; não usa estratégias atraentes nem inteligentes que façam com que os alunos se apercebam do texto literário como um instrumento importante na sua formação intelectual, moral e cultural.

E o que dizer das obras literárias que são relegadas a meros resumos e fragmentos em manuais didáticos? Acredita-se que o aumento significativo da população escolar alterou o modo de produção do livro didático, favorecendo a profissionalização do escritor voltado para

esse público. E o resultado se sabe que é um estudo direcionado único e exclusivamente para contextos históricos, temáticas e características de acordo com as escolas literárias; sem falar nas atividades já prontas que os professores determinam para os alunos cumprirem. Lajolo, em seu livro, *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, faz a seguinte reflexão:

Da perspectiva da indústria de livros, o investimento em atividades de leitura desse tipo pode assegurar a fidelidade do professor aos seus produtos, uma vez que roteiros, atividades, fichas de leituras e seus congêneres promovem obliquamente o produto livre, através de uma estratégia que capitaliza a insegurança e o despreparo do professor. (2004, p.72/73)

A escola parece ainda não ter despertado para as mudanças que se operam na atual conjectura dos tempos, pois ainda não consegue alcançar a modernidade quando se refere à leitura literária, usando práticas que desmotivam e distanciam os alunos do estudo literário, levando-o à indiferença quanto à criatividade e a polissemia da obra literária.

Desde 2006, novas perspectivas são vislumbradas para o estudo de literatura nas Escolas de Ensino Médio. Os *Referenciais Curriculares* vem propor que a literatura seja articulada como arte, tomando-se como objeto e texto literário. Essa perspectiva favorece a formação de alunos leitores debatedores do texto literário e estimula os professores também a se tornarem leitores.

Dessa forma, a Escola, de modo geral, ainda precisa desenvolver estratégias diversificadas e atraentes para despertar no aluno, assim como no professor, o estímulo para leitura, pois enquanto os alunos não encontrarem um sentido para a leitura literária, continuarão a ler pouco e sem prazer, lendo apenas resumos de obras e copiando textos da Internet, diminuindo sua capacidade imaginativa e criativa, limitando seu potencial de produtor textual enquanto leitores críticos.

O professor Helder Pinheiro, em seu artigo *Teoria da Literatura, Crítica Literária e Ensino*, também aponta uma boa perspectiva para o estudo de literatura, nas salas de nível médio. Veja-se:

(...) a crítica literária é fundamental para o professor de literatura, não para substituir a leitura do professor e dos alunos, mas para ajudar o jovem leitor a encontrar o caminho da leitura significativa, que, lembremos, às vezes é exigente, diríamos mesmo, cansativa. (2006, p.119)

A proposta do professor Helder merece ser vislumbrada pelos professores, pois ele acredita que a leitura de críticas literárias ajudaria a desenvolver a criticidade do professor e

chamaria a atenção do aluno, fazendo-o perceber que a leitura literária é muito mais do que mera decodificação. Assim, o ensino de literatura passaria a ter vivenciamento da obra literária enquanto experiência transformadora. Os professores passariam a adquirir conhecimentos mais aprofundados para compartilhar com os alunos e, dessa forma, fazer com que eles passem a apreciar o texto literário.

Alguns questionamentos sobre as práticas docentes com o ensino de literatura foram direcionados a professores de ensino médio de uma escola pública e outra privada, no município de Cajazeiras-PB, objetivando identificar as concepções didático-metodológicas em torno das dificuldades vivenciadas nos processos de ensinar e aprender literatura.

3.2 As práticas docentes

As práticas docentes do ensino de literatura em sala de aula do ensino médio, basicamente, são as mesmas do século passado, resultando no fracasso de tais práticas. É necessário perceber-se que os tempos mudaram, os discentes já não são passivos. Eles querem participar, atuar no ensino – aprendizagem; querem ser os agentes construtores dos seus próprios conhecimentos. É preciso que os docentes despertem para essa nova exigência e se preparem em todos os aspectos, para que possam atender os anseios dessa nova geração.

Cosson, em seu livro, *Letramento literário* detecta a falha do ensino de literatura e faz a seguinte análise:

(...) a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. (...) porque falta um objeto próprio de ensino (...). Depois falta (...) uma maneira de ensinar que, rompendo o círculo da reprodução ou da permissividade, permite que a leitura seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que toso saber exige. (2006, p.23)

Cosson faz uma crítica consistente ao ensino de literatura, chegando mesmo a afirmar mais adiante: (...) *estamos adiante da falência do ensino da literatura*. (2006, p.23). Infelizmente, o que ele escreve tem razão de ser. Percebe-se isso no resultado de um questionário direcionado a docentes de ensino médio de duas escolas diferentes, na cidade de Cajazeiras- PB. Uma, da rede particular de ensino e a outra, da rede pública. Foram questionados sete professores: dois da escola privada e cinco da escola pública. Indagados sobre o tempo que possuem de magistério: três professores possuem mais de dez anos; três

menos de dez, e apenas um com mais de vinte anos. Em relação ao nível de formação acadêmica: quatro professores possuem graduação em Letras; um tem Pedagogia e Especialização em Língua Portuguesa e Linguística; um professor afirma ter Especialização, mas não diz no quê, e um outro tem nível superior, mas não menciona o curso.

Em seguida, direcionou-se a seguinte questão aos docentes: o que você concebe sobre literatura? Pelas respostas, percebe-se que os professores não conseguem conceituar o que seja Literatura, alegando que a literatura é complexa e, portanto, difícil de conceituar. Porém, a maioria admite que é uma manifestação artística. Em relação a essa dificuldade dos docentes, Cosson explica como sendo falhas de referências culturais. Observe-se melhor como ele se manifesta:

Talvez, seja por falta de referências culturais ou pela maneira como a literatura lhes é retratada, ela se torna inacessível. Para eles, a literatura é um mistério, cuja iniciação está fora de seu alcance. Não surpreende, portanto, que tomem a poesia como um amontoado de palavras difíceis e tenham dificuldades em distinguir a ficção de outros discursos da realidade. (2006, p.11)

Pelo que se pode perceber, não há muita discrepância entre as respostas dos professores de literatura do ensino médio da escola pública e os professores da escola privada. Até mesmo nos motivos que os levaram a ensiná-la, essa foi uma outra indagação, e as respostas não são diferentes: a maioria dos professores afirma que ensinam literatura porque gostam de ler e por ser uma matéria obrigatória, pois é uma exigência curricular, o que confirma o pensamento de Cosson quando ele afirma que para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força de tradição e inércia curricular (...). (2006,p.20)

Realmente, caso contrário, como se explicaria a prática secular de se estudar mais contundentemente as histórias da literatura européia e brasileira, situando-as em estilos de épocas; biografismos, temáticas, sem falar nos gêneros e nas características de cada estilo literário? O objeto real da literatura, o texto literário, fica relegado a fragmentos e resumos e, com um agravante, são apresentados como forma de comprovação das características atribuídas a cada escola literária. E quando os professores indicam obras para que os alunos leiam, relacionam essas obras ao período literário estudado. Geralmente, são as obras canônicas conhecidas pelos professores, ou são obras indicadas pelos concursos vestibulares.

Indagados quais seriam as estratégias metodológicas aplicadas nas aulas de literatura, as respostas não foram diferentes: tanto os professores da escola pública quanto da escola privada aplicam as mesmas estratégias: resumos de obras, resenhas, dramatizações, provas escritas, discussão sobre a obra, etc. Aquele eterno tradicionalismo que não acrescenta nada

ao verdadeiro sentido de se estudar literatura. Por essa razão é que aulas se tornam cansativas, enfadonhas, cheias de cobrança e prestação de contas, que resultam numa única preocupação do professor: saber se o aluno realmente leu a obra exigida, esquecendo de verificar se o aluno apreendeu o sentido da obra.

Lajolo, em sua obra, *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, atesta que: *ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum*. (2004, p.15) O mesmo, parodiando Lajolo, pode-se dizer das aulas de literatura.

Um outro questionamento foi levado aos professores: O que é mais importante enquanto conteúdo do programa curricular de Literatura no ensino Médio? As respostas não surpreenderam: história da literatura, gêneros literários, estilos de épocas, características, resumos, etc. Poucos professores enfatizaram os estudos biográficos. Como se vê, não há divergências entre os professores da escola pública e privada.

Qual a razão de se ensinar Literatura no Ensino Médio? Essa foi outra indagação direcionada aos docentes, cujas respostas também foram semelhantes: *Acho que é para despertar o senso crítico dos alunos para a arte e leitura*. Como se percebe nas respostas, o *achismo* é o primeiro sinal de insegurança. Outro questionamento: Quais as competências primordiais que devem ser desenvolvidas nos alunos por meio do ensino de Literatura no Ensino Médio? Nesse ponto houve incoerência em algumas respostas. Veja-se o porquê: todos os professores responderam não achar importante considerar a capacidade de memorização histórico literário. Como? Se em questionamento anterior, mencionaram ser importante? Porém, todos concordam que análise e interpretação de textos que vêm nos manuais didáticos são importantes, assim como o estudo comparativo entre textos. Para os professores da escola pública é importante desenvolver no aluno a expressão oral e escrita, pois assim ele avaliará melhor o desempenho dos alunos e reforçará aquele que tiver maior dificuldade; apenas um professor da escola privada não acha que isso seja importante, para ele o melhor será que o aluno aprenda a lidar com o conteúdo para depois cuidar da escrita. Em relação aos estudos biográficos, apenas um professor, também, da escola privada, acha que é necessário. Essa foi uma outra incoerência detectada nas respostas dos docentes, uma vez terem citado que o estudo biográfico faz parte de suas práticas em sala de aula. Como se percebe a prática de abordagem do contexto histórico literário e o estudo sobre a vida dos autores ainda é uma constante nas aulas de literatura.

Perguntou-se aos docentes a que eles atribuíam o desinteresse dos alunos em relação à Literatura. Todos foram unânimes em dizer que era porque os alunos não gostavam de ler. Será? Mais adiante vai se perceber que essa afirmação tão desgastada já não faz parte da

realidade dos alunos. Um outro questionamento direcionado aos professores foi: Como o texto literário é trabalhado em sala de aula? As respostas são semelhantes. Trabalha-se com resumos, resenhas, dramatizações, debates, etc.

Por fim, perguntou-se se eles (os docentes) ensinavam literatura atrelada a outras modalidades ou isoladamente. Apenas um professor da escola privada disse trabalhar isoladamente.

William Cereja, em seu livro: *Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para trabalho com literatura* traz uma pesquisa semelhante e os resultados não são tão diferentes. Infelizmente, a realidade das práticas de ensino de literatura, em salas de aula de nível médio, é preocupante, pois, como diz Cereja:

Falta aos professores de literatura clareza quanto à especificidade do objeto que ensinam. Sendo a literatura uma arte verbal, *o ensino de literatura deve necessariamente comportar o desenvolvimento de habilidades de leituras de textos literários.* (2006, p.52/53)

O tradicionalismo ainda impera nas escolas questionadas em relação ao conteúdo de literatura. A cronologia histórica das estéticas literárias, autores e obras que se destacaram em cada período, as características de cada período, autores mais consagrados continuam como prioridades para os estudos de literatura. A leitura de textos literários que deveria ser o aspecto fundamental desses estudos fica relegada a fragmentos ilustrativos de cada estética literária.

A forma como os professores abordam o texto literário (com seminários, dramatizações, debates...) é uma forma estimulante para a leitura, porém o que se percebe é que essas abordagens são utilizadas apenas com uma preocupação: saber se o aluno leu realmente a obra. É a velha *prestação de contas* para a apreensão de notas e/ou conceito. Mais uma vez a obra literária, no seu significado primordial, fica à margem.

Como se vê, não há muita diferença entre as práticas docentes em relação ao ensino de literatura nas escolas de ensino médio: tanto na escola pública quanto na escola privada os métodos de abordagens dos estudos literários são os mesmos. Mas, isso se explica: todos os docentes são produtos de um mesmo sistema educacional tradicionalista; frequentaram a mesma universidade com as velhas práticas docente. A preocupação com os estudos de literatura é recente. Data de 2006 *os Novos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio* que se voltam de forma especial e com proposta inovadora para o ensino de literatura. Porém, para que essas propostas se efetivem, um tempo será necessário para os professores se

conscientizarem e mudarem suas práticas em sala de aula tão arraigadas ao século passado.

Os alunos, no entanto, já reclamam uma prática diferente em relação ao ensino de literatura. Eles sentem necessidade de compreender a obra literária em sua essência. O mais interessante é que tanto os alunos da escola pública quanto os da escola privada sentem os mesmos anseios, não se processando, no entanto, um distanciamento muito grande nessas duas realidades. É o que se verá em relação à recepção dos discentes à literatura.

3.3 Recepção dos discentes

Assim como os docentes foram questionados sobre suas práticas de literatura em sala de aula de ensino médio, também se estenderam questionamentos a alunos das referidas escolas (Escola Nossa Senhora do Carmo e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho). A Escola Nossa Senhora do Carmo, conhecida na cidade como *Escola de Carmelita* fica situada no centro da cidade de Cajazeiras-PB; a outra escola, pertencente à rede pública de ensino, situa-se um pouco distante do centro da cidade, ficando mais próxima à periferia, e é conhecida como *Colégio Estadual Carmelita e Estadual* serão as denominações utilizadas no transcorrer desta pesquisa.

A princípio, fez-se um perfil dos alunos questionados. A clientela de *Carmelita* pertence a uma classe de poder aquisitivo mais alto. São filhos de professores universitários, médicos, engenheiros, comerciantes, etc. Já os alunos do *Estadual* pertencem a uma classe de poder aquisitivo bem mais baixo. São filhos de pessoas que trabalham na construção civil (pedreiros, serventes, etc.), policiais, comerciários, secretárias, domésticas e agricultores.

Foram questionados dezoito alunos de *Carmelita* e trinta e nove alunos do *Estadual*, perfazendo um total de cinquenta e sete alunos, cursando entre as 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio. Os alunos têm entre quatorze a vinte anos de idade. Observe-se no quadro abaixo.

ALUNOS IDADE	ESCOLAS		
	CARMELITA	ESTADUAL	TOTAL %
14 ANOS	11,11%	2,56%	5,26%
15 ANOS	33,33%	25,64%	28,07%
16 ANOS	38,88%	20,51%	26,31%
17 ANOS	16,66%	28,20%	24,56%
18 ANOS	-	12,82%	8,77%
19 ANOS	-	10,25%	7,01%

Uma observação que se faz é que os alunos da *Escola Carmelita*, concluem o ensino médio com dezessete anos de idade, e os alunos do *Estadual*, com dezenove anos de idade. Percebe-se também que os alunos da escola pública (Estadual) ingressam com mais idade no ensino médio.

Em seguida, fez-se a seguinte indagação aos alunos: *O que você entende por Literatura?* A grande maioria (99%) dos questionados não soube como conceituá-la. Isso é um reflexo dos seus professores, posto que eles também não sabem como conceituar literatura.

Um outro questionamento foi: *Que avaliação você faz das suas aulas de Literatura?* Observe-se o quadro abaixo com os conceitos:

CONCEITOS	ESCOLAS		
	CARMELITA	ESTADUAL	TOTAL %
ÓTIMAS	72,22%	12,82%	31,57%
BOAS	5,55%	53,84%	38,59%
REGULARES	22,22%	33,33%	29,82%
RUINS	-	-	-
PÉSSIMAS	-	-	-

O que chama a atenção nesses números é com relação à *Escola Carmelita*: 72,22% dos alunos consideram *ótimas* as aulas de literatura ministrada por um dos professores da escola. Após se obter o resultado dessa pesquisa, resolveu-se observar a aula do professor para ver o que de tão interessante satisfazia aos alunos. O que se observou não causou nenhum espanto. O professor é alegre, extrovertido, fala alto, é brincalhão, e conta os fatos da *história brasileira* de forma picante, numa abordagem mais voltada para a história da literatura. Estava explicado o porquê do alto índice de aceitação dessas aulas, em oposição às aulas da outra professora, que ficou com os 5,55% do conceito *boas* e 22,22% do conceito *regulares*; enquanto que no *Estadual* 53,84% ficaram como *boas* as aulas de literatura, 33,33% *regulares* e apenas 12,82% de *ótimas*.

Algo que causou surpresa foi quando se perguntou: *você gosta de ler?* Esperava-se que a maioria dos alunos respondesse que não gostava, pois esta é a grande queixa dos professores. Porém ficou provado que os alunos gostam realmente de leitura, pois 94,44% dos alunos de *Escola Carmelita* afirmaram gostar de ler, e apenas 5,56% não apreciam a leitura; no *Colégio Estadual*, 100% dos alunos afirmam gostar de leitura. Portanto, aquela frase desgastada dos professores *Meus alunos não gostam de ler*, não foi confirmada por esta pesquisa. Ainda em relação à leitura perguntou-se: *você costuma ler por quais das opções abaixo?* Confira-se as opções, e o resultado desse questionamento no quadro abaixo.

OPÇÕES	ESCOLAS		
	CARMELITITA	ESTADUAL	TOTAL %
VONTADE PRÓPRIA	61,11%	72,92%	71,92%
RECOMENDAÇÃO DE AMIGOS	33,33%	2,56%	12,28%
SOLICITAÇÃO DO PROFESSOR	5,55%	12,82%	10,52%
INDICAÇÃO DE TELEVISÃO, JORNAIS	-	7,69%	5,26%

O que se percebe pelas escolhas acima, é que os alunos lêem mais por conta própria tanto na *Escola Carmelita* como no *Colégio Estadual*; poucos são os que lêem por indicação de amigos ou quando solicitado pelo professor. Isso sugere uma indagação: será que os docentes estão realmente incentivando os alunos a ler? Uma questão foi direcionada aos discentes em relação a esse ponto: *O professor incentiva e estimula a leitura?* O resultado foi o seguinte: 88,88% dos alunos da *Escola Carmelita* disseram que sim e 11,11% disseram que não; 92,30% dos alunos do *Colégio Estadual* disseram que sim, e apenas 7,70% disseram que não.

Dos resultados obtidos percebe-se que os professores do *Colégio Estadual* incentivam mais para a leitura do que os professores da *Escola Carmelita*; os *textos visuais* são os preferidos pelos alunos da *Escola Privada*.

Quais fontes de leitura você utiliza mais no seu cotidiano? Esta outra pergunta também foi direcionada aos discentes. A resposta foi a seguinte: o *romance* foi a leitura de maior preferência pelos alunos do *Colégio Estadual*, assim como a *poesia, jornais e revistas*. O *conto* é a leitura preferida dos alunos da *Escola Carmelita*, assim como as *crônicas*; os *textos científicos* têm uma preferência maior entre os alunos do *Colégio Estadual*, assim como os *gibis*, ao contrário dos alunos da *Escola Carmelita*. Observe-se o quadro abaixo:

LEITURA	ESCOLAS		
	CARMELITITA	ESTADUAL	TOTAL%
JORNAIS E REVISTAS	22,22%	46,15%	38,59%
CRÔNICAS	11,11%	10,25%	10,52%
GIBIS	16,66%	23,07%	21,05%
TEXTOS VIRTUAIS	44,44%	41,02%	42,10%
ROMANCES	55,55%	58,97%	57,89%
POESIAS	27,77%	33,33%	31,57%
CONTOS	55,55%	28,20%	36,84%
TEXTOS CIENTÍFICOS	16,66%	25,64%	22,80%

Em questão de leitura, o que se percebe é que os alunos da escola pública (Estadual), como já se viu são alunos de famílias que tem um baixo poder aquisitivo, lêem mais do que os

alunos da escola privada (Carmelita), que possuem um poder aquisitivo mais alto. Retratando dessa forma, a pesquisa aqui apresentada identifica-se com a pesquisa feita por Cereja, em seu livro: *Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*:

Contudo, chama-se a atenção o fato de que os estudantes das famílias mais abastadas e de nível cultural mais alto são os que menos lêem. Esse dado leva a crer que, embora não se possa negar que as condições socioculturais do estudante influenciem positivamente o hábito da leitura, elas não são determinantes. (2005, p.19)

Dando continuidade aos questionamentos, perguntou-se: como você gostaria que fossem as aulas de literatura? E obteve-se o seguinte resultado:

PROPOSTAS	ESCOLAS		
	CARMELITA	ESTADUAL	TOTAL%
MAIS DINÂMICAS	22,77%	7,69%	12,28%
SEGUIR O LIVRO DIDÁTICO	-	2,56%	1,75%
RÁPIDAS E PRÁTICAS	5,55%	2,56%	3,50%
SEM ALTERAÇÕES	44,44%	15,38%	24,56%
DEBATER MAIS TEXTOS E OBRAS	11,11%	10,24%	10,52%
SEREM MAIS CRIATIVAS	11,11%	2,56%	5,26%
MENOS ROTINEIRAS	-	5,12%	3,50%
POUCA GRAMÁTICA	-	2,56%	1,75%
APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO	-	5,12%	3,50%
MAIS LÚDICA COM POUCA HISTÓRIA	5,55%	5,12%	5,26%
COM FILMES E DRAMATIZAÇÕES	-	23,07%	15,78%
COM PALESTRA E DOCUMENTÁRIO	-	15,38%	10,52%
MAIS LEITURAS	-	7,69%	5,26%

Para os alunos da *Escola Carmelita*, as aulas de literatura deveriam ser mais dinâmicas, com mais discussões sobre obras e mais criativas; para os alunos do *Colégio Estadual*, seria mais interessante se trabalhassem com mais dramatizações e exposição de filmes. Percebe-se também um índice razoável de estudantes do *Colégio Estadual* que desejariam que essas aulas de literatura fossem ministradas com palestras, documentários e apresentação de seminários. Sentiu-se o desejo da classe estudantil em relação a uma mudança no ensino de literatura.

Um outro questionamento foi direcionado aos alunos das duas escolas. Perguntou-se por que se estuda literatura na escola: para a maioria dos alunos tanto da *Escola Carmelita* quanto do *Colégio Estadual*, estuda-se literatura para conhecer a produção artística e cultural de um povo; outras responderam que era para aprender a ler textos literários; conhecer as características de um período literário e conhecer autores e obras foram as menos opinadas

pelos alunos. Isso revela que os alunos têm uma ânsia de aprender algo mais nos estudos de literatura, pois se vislumbra pelas respostas que estão cansados de aulas expositivas e rotineiras.

Por fim, perguntou-se aos estudantes como são exploradas as obras indicadas para leitura. Confira-se no quadro abaixo as respostas.

OPÇÕES	ESCOLAS		
	CARMELITA	ESTADUAL	TOTAL%
RESUMOS	44,44%	58,97%	54,38%
SEMINÁRIOS	11,11%	41,02%	31,57%
RESENHAS	11,11%	15,38%	14,03%
DISCUSSÕES SOBRE AS OBRAS	8,33%	41,02%	54,38%
AVALIAÇÕES ESCRITAS	33,33%	30,76%	31,57%
DRAMATIZAÇÕES	5,55%	2,56%	3,50%

Observando-se o quadro acima, nota-se que o resumo é a modalidade mais trabalhada em ambas as escolas; os seminários, as discussões sobre obras e as resenhas são mais exploradas pelo *Colégio Estadual*; as dramatizações são mais trabalhadas na *Escola Carmelita* e as avaliações escritas em ambas às escolas.

Nesse sentido, as respostas dos estudantes não divergem das respostas dos docentes. Para que possa acontecer uma satisfação no ensino-aprendizagem, é preciso que os docentes repensem suas metodologias no que tange ao ensino de literatura em salas de aula do ensino médio, para que assim os alunos possam vencer suas dificuldades.

Com base nestas pesquisas, seria interessante a busca de novas estratégias para que se possa formar novos leitores e melhorar o ensino de literatura nas salas de aula de ensino médio, buscando-se métodos criativos que motivem e despertem os discentes para o prazer da leitura, posto que literatura é essencialmente leitura.

4 FORMAÇÃO DE LEITORES COMPETENTES: UMA BUSCA POR NOVAS ESTRATÉGIAS

Os primeiros impulsos para se aprender a ler são manifestados desde quando se toma contato com o mundo; lê-se o amor nos olhos da mãe, lê-se nos gestos das pessoas os afagos, a ternura e o carinho dos quais a criança necessita; lê-se o semblante, o ambiente, enfim, como diz Paulo Freire: *A leitura do mundo precede a leitura da palavra...* (1983)

À proporção que se amadurece, vai-se tomando conhecimento de que existem diversas formas de leituras, e uma delas é aquela que se aprende nos primeiros contatos com letras e/ou nos bancos da escola, quando se começa a estudar sobre a linguagem.

A linguagem é um processo de interação comunicativa que se constitui pela construção de sentidos; a linguagem, cuja unidade expressiva é a palavra, é a forma de expressão mais utilizada pelo homem. O livro utiliza a linguagem verbal no acúmulo de informações sócio-culturais tanto no tempo como no espaço. Bordini e Aguiar, em seu livro: *Literatura: a formação do leitor*, assim se expressam em relação ao livro: *Uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo, e o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo.* (1988, p.13)

O ato de ler faz parte de um processo de comunicação que se realiza a partir de textos escritos, palpáveis, concretos e que implica em dois segmentos: um emissor e um receptor. O diálogo é que possibilita ao receptor desenvolver a capacidade de desvelar-se e abrir a novas perspectivas de leituras as quais lhe darão oportunidade de tomar posições críticas diante da realidade.

Os brasileiros, principalmente, os jovens lêem muito pouco. Essa assertiva predomina na população nacional de todos os níveis sociais e intelectuais, fazendo com que educadores e governantes voltem suas atenções para este fator preocupante. Realmente, a leitura é apreciada apenas por 1/3 da população adulta alfabetizada. Uma pesquisa realizada pela CBL (Câmara Brasileira do Livro), divulgada na imprensa falada e escrita, constatou que 61% dos brasileiros alfabetizados têm pouco ou nenhum contato com os livros. Entre os dezessete milhões de pessoas que não gostam de ler, 11,5 milhões possuem até oito anos de instrução escolar, e 6,5 milhões de pessoas das camadas mais pobres da população, dizem não ter nenhuma condição de adquirir um livro: de cada dez não-leitores, sete tem baixo poder aquisitivo; 73% dos livros estão concentrados nas mãos de apenas 16% da população brasileira.

Como se vê, é um desafio a se enfrentar. A escola sofre o reflexo dessas condições, daí o baixo índice de jovens leitores no Brasil. É necessário que se construam bibliotecas, pelo menos uma em cada município, com pessoas especializadas para fazer um trabalho de incentivo à leitura. Também é preciso que a escola tenha um planejamento voltado para o ensino de literatura, formação do hábito da leitura e disponha de uma variedade de livros, para que o aluno possa escolhê-lo de acordo com seu gosto literário.

Bordini e Aguiar, em seu livro: *Literatura: a formação do leitor*, tem a mesma opinião em relação a esse assunto:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz de leitura (...), deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área de literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a leitura e, sobretudo, uma interação democrática simétrica entre alunado e professor. (1988, p.17)

Para se formar o hábito da leitura é preciso que se ofereçam livros ao alunado que estejam próximos a sua realidade. Na formação de um aluno leitor, o professor deve estar ciente de que a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele, por isso é importante a elaboração de pesquisas e estratégias de motivação e estímulos para despertar no aluno o prazer de ler.

O relacionamento do livro com o aluno não pode ser por intermédio de imposição, como uma avaliação para a nota; pois, caso assim seja, a leitura passará a ser um dever e não um prazer, e a probabilidade de um aluno procurar um livro fora da situação de obrigação será bem remota.

É fundamental ler. Mas não basta simplesmente ler; é importante entender o que se lê. É necessário compreender o sentido da organização das frases num determinado texto, para que se cumpra uma das finalidades da leitura: a apreensão das idéias, que se dará a partir do entendimento dos recursos utilizados pelo autor na elaboração do texto. A leitura aproxima o homem dos mecanismos da língua escrita e é também fonte inesgotável de idéias.

O ensino de literatura é parte essencial da atividade de leitura. E a leitura aqui entendida não é aquela estéril, que apenas decodifica as letras impressas. A leitura literária é aquela que gera envolvimento e discussão com o leitor, que propicia um ambiente de análise e descontração, e um diálogo solitário com o autor, porém, esse ato solitário não anula a possibilidade de exteriorização, resultando num ato solidário. Para Cosson:

É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique em aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. (2006 p.27)

Há bastante tempo se buscam estratégias para fazer com que os alunos ingressem no mundo da leitura. Todavia, é bom lembrar que os procedimentos de leitura se tornam estratégias, à medida que são usados de forma consciente e intencional, dependendo dos propósitos da leitura, das demandas do texto e dos conhecimentos prévios que o aluno possui sobre os temas. Desta forma, é importante que se conheçam e se utilizem recursos de aprendizagem, a fim de que se possa oferecer ao aluno estratégias capazes de tornarem as aulas de literatura mais dinâmicas e prazerosas, possibilitando à apreensão de sentidos sugeridos pela leitura. Uma variedade de textos poderá auxiliar cada situação de aprendizagem de acordo com a escolha do aluno. O debate e a discussão desses textos irão centralizar os trabalhos em sala de aula. Eles (os textos) serão usados como suporte para tais discussões.

Os textos poéticos, a leitura de poesias, despertam a sensibilidade, valorizam o saber e o sabor de estar no mundo. A leitura de poesias em sala de aula, entenda-se leitura não só como ato de ler propriamente dito, mas também como todo um processo de análise e interpretação, assimilação, prazer e fruição do texto poético, constitui-se no lado mais agradável das aulas de literatura. E como diz Barthes:

(...), a Literatura, aqui especialmente a poesia, é o trapacear com a língua, é o jogar com os signos, é a festa da linguagem, é um logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem. (BARTHES. 1980, Apud SILVIANE. 2005, p.32)

Assim, é fundamental afirmar a subjetividade. Propor um novo mundo, uma nova sociedade mais justa e equilibrada, extravasar sentimentos e emoções no prazer da fruição do texto poético.

O compartilhamento da leitura do aluno com a de seus colegas e com a do professor (leitor mais experiente), que não deve impor-se, mas fazer com que os alunos despertem para a sua própria leitura, tanto do texto como da realidade à sua volta, proporcionará intercâmbio de leituras, favorecendo a ambos (aluno e professor), pois haverá uma troca de conhecimentos entre eles.

Para que a literatura adquira seu verdadeiro caráter: o de formação emancipadora e humanizadora, é preciso que se trabalhe com temas nas diversas formas e tipos de textos (jornalístico, instrucionais, virtuais...). O professor deve explorá-los, posto que, os anseios do homem, em toda sua história, de uma certa forma, sempre foram os mesmos, o que muda é o sentido que o homem atribui a esses anseios. E, uma vez trabalhando-se com essas variedades temáticas, faz-se com que o aluno reflita sobre o tema e construa seu próprio texto, se assim ele quiser.

O conhecimento prévio tem um papel fundamental na leitura. A informação do texto ganha sentido à medida que o leitor ativa seus conhecimentos sobre o conteúdo e explora os significados da base textual a partir dos que já adquiriu. Conhecimentos novos e outros já adquiridos irão se relacionar, formando uma nova base conceitual. Os alunos que têm pouco conhecimento sobre o assunto do texto, terão uma compreensão parcial, porém as atividades que serão propostas em sala de aula, poderão ajudá-los a desenvolver sua competência leitora. Dessa forma, a estratégia da *Predição*¹ torna a leitura prazerosa, posto que ela levará o aluno a ampliar seus conhecimentos.

Para que as estratégias de leituras utilizadas nas aulas de literatura atinjam seus objetivos, entendendo-se como objetivos principais a formação do leitor competente e a apreensão de sentidos do texto literário, é necessário que tanto o professor como a escola promovam pesquisas e práticas metodológicas que valorizem o ensino de literatura nas salas aula de ensino médio, não deixando de lado as salas de ensino fundamental, pois elas antecedem ao médio e seria interessante que tivessem metodologias voltadas para este aspecto, tomando-se como eixo centralizador o texto literário; e que sejam criados novos programas de incentivos à leitura, fator essencial para a aprendizagem do aluno.

4.1 A Leitura como ponto de partida

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é instrumento necessário em numa sociedade letrada. Assim, a leitura é o ponto de partida para o desenvolvimento intelectual e cultural do homem. As pessoas que não conseguem realizá-la sofrem profunda desvantagem em relação àquelas que já possuem

¹ A Predição consiste na inquirição do aluno em relação ao texto; partindo-se do texto, colhe-se informações que estão guardadas em sua memória e que, de um modo ou de outro, estão relacionadas com o assunto do texto.

o domínio da mesma. Sem leitura não há aprendizado.

Yunes e Oswald, em sua obra: *A experiência da leitura* conceitua o ato de ler de uma forma bem significativa:

Ler é desfazer a certeza dura e vacilar com a confiança de que se perdendo há mais a encontrar: a linguagem não se esgota no sentido atribuído historicamente, suspenso do seu discurso cotidiano. Não é à toa o recurso à alegoria, à parábola, à poesia para driblar o endurecimento dos discursos. As palavras vivem entre os homens e a ninguém pertencem com exclusividade. Se as palavras dependem de quem as diz para terem este ou aquele sentido, é importante conhecer o sujeito que as controla, escolhe, usa. Do mesmo modo, em lê faz com toda sua carga pessoal de vida, consciente ou não dela, e atribui ao livro as marcas pessoais de memória, intelectual e emocional. (2003, p.10)

Partindo desse princípio, é importante que nas aulas de literatura, o texto literário seja trabalhado com toda sua carga de significação, já que ele é o instrumento que possibilitará ao aluno adquirir novas aprendizagens.

Uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor, pois a significação e o interesse caminham juntos. De modo geral, é significativo para o leitor aquilo que se relaciona à sua vida, que despertar a curiosidade, que o ajuda a compreender o mundo ou a criar mundos imaginários, que respondem a seus problemas, que lhe permite melhor relacionar-se com os outros.

Nas atividades de leitura, o papel do professor será o de oferecer ao aluno oportunidades de interagir com a linguagem escrita, de usá-la de modo significativo tal como o faz com a linguagem oral; o do aluno será o de descobrir, observar, compreender, construir, pois somente elaborando hipótese, testando-a nos dados a fim de confirmá-la, rejeitá-la ou modificá-la é que o aluno constrói novas formas interpretativas sobre as funções e o funcionamento da linguagem escrita e se desenvolve como leitor.

Cosson afirma que *o professor é o intermediário entre o livro e o aluno*. (2006, p.32) Se é assim, faz-se necessário saber que o professor tem que ter a consciência de que não basta solicitar que o aluno leia, é preciso motivá-lo e trabalhar a leitura de maneira estimulante e agradável e que se dê espaço para que o aluno registre suas impressões sem que se sinta obrigado ou pressionado a isso.

A leitura e a escrita são metas essenciais a se atingir pela escola. Por isso, estratégias são articuladas a fim de levar o aluno a se interessar por elas, principalmente, pela leitura. Porém, é imperativo que se saiba: imposição e autoritarismo não estimulam ninguém a ler, e o

professor tem que ter essa consciência. O aluno precisa ser motivado para a leitura e é preciso que se respeite a sua escolha. O estudo de literatura, como já se afirmou anteriormente, é essencialmente leitura, portanto a leitura é o ponto de partida para a aprendizagem do aluno.

Tomando-se o estudo de literatura como função essencial para a formação do leitor, não resta dúvida de que o eixo centralizador desses estudos, são os textos literários; não importando se são curtos, como contos, crônicas; ou longos, como romances, novelas. O que importa é que o aluno sinta-se a vontade para escolher o que mais lhe agrada. Isso facilitará na apreensão do texto literário pelo aluno, pois ele não se sentirá obrigado a ler o que não gosta.

A leitura é fonte inesgotável de conhecimentos que promovem a ascensão do homem na sociedade. Quem lê desenvolve capacidade criativa, amplia seu nível intelectual e cultural, pois está adquirindo novos conhecimentos. Sendo assim, terá possibilidade de obter êxito na escrita.

Se é tarefa da escola formar leitor competente, a interferência do professor deve ser no sentido de estimular o aluno a desenvolver as estratégias utilizadas por ele (professor) nas atividades propostas em sala de aula.

4.2 Didatização da proposta

Para que o ensino de Literatura se torne enriquecedor, é preciso que a escola se conscientize de que a leitura deve ser o ponto de partida, não só para os estudos de literatura, mas para a aprendizagem de um modo geral. Foi com esse propósito que algumas propostas foram lançadas buscando facilitar os estudos literários em conformidade com as reivindicações dos discentes, apresentadas nas respostas a questionamentos direcionados a eles. Questionamentos como: *Para você, como deveriam ser as aulas de Literatura?* Registra-se aqui sugestões dadas pelos alunos: *As aulas deveriam ser mais dinâmicas, com seminários, exposição de filmes etc.; Com mais explicações, ler mais, e ter aulas diferentes, não sendo só de rotina; Com discussões sobre as obras, com dramatizações, seminários e etc.; Com mais dinâmica. O professor trazer documentários sobre autores e obras literárias, e seminários com os alunos.* Um outro questionamento que se fez aos alunos foi: *O que você entende por literatura?* Eis algumas das respostas dadas por eles: *Literatura é a arte de estudar, a cultura, a linguagem, vida e obra de grandes literários; Diversas manifestações artísticas como música, dança, Romance, poesia; É uma forma de expressar sentimentos; Literatura – significa saber ler, interpretar, respeitar os sinais de acentuações gráficas etc.* As respostas

são preocupantes, elas denotam que os alunos já não se satisfazem com a mesmice das aulas de literatura, assim como preocupa a falta de concepção que eles demonstraram ao conceituá-la.

As estratégias aqui propostas têm a intenção de fazer com que as aulas de literatura aconteçam de maneira diferente, como é solicitada pelos alunos questionados.

4.2.1 Montar ou diversificar uma biblioteca na escola: o primeiro passo seria mobilizar à escola numa campanha permanente de arrecadação de livros literários (ou não); depois incentivar os alunos a criarem *slogans e símbolos* para representar a biblioteca, e que serão escolhidos em concursos promovidos pela escola, premiando-se os vencedores com livros, troféus, medalhas. Em seguida formar-se uma comissão entre professores e alunos para divulgação da campanha nos meios de comunicação da cidade; em prosseguimento, montar *stands* de arrecadação de livros em pontos estratégicos. Após uma certa quantidade arrecadada, levar os alunos para visitarem bibliotecas já existentes, mostrando-lhes como se dispõem os livros nas estantes; à proporção que se for adquirindo os livros, os alunos vão selecionando, juntos com os professores, e dispondo-os nas sessões de acordo com os temas. Isso aproxima o aluno do mundo dos livros, podendo despertá-lo para a leitura; além de proporcionar o prazer de poder contribuir com a montagem da biblioteca de sua escola. E para incentivá-los ainda mais, promover concursos, maratonas de leitura, pois os alunos não são tão alheios à leitura como se faz crer. Comprova-se isso com as afirmações que eles deram ao serem perguntados se gostavam de ler: 94,44% dos alunos da escola privada, e 100% dos alunos da escola pública afirmaram gostar de ler, conforme atesta o questionário registrado neste trabalho. O importante é saber motivar os alunos para que ingressem no mundo fantástico das palavras, respeitando-lhes suas escolhas.

4.2.2 Variedades de tipos textuais: contos, crônicas, fábulas, parábolas são textos interessantes para se trabalhar em sala de aula, em virtude de serem curtos e rápidos de ler. Pede-se ao aluno, primeiramente, que faça uma leitura silenciosa; depois, faz-se a leitura em conjunto. Debate-se os textos, em seguida, motiva-se o aluno a fazer trabalhos em grupos com a finalidade de apresentá-los em sala de aula: dramatizações, paródias, revistas em quadrinhos, recriação dos textos são estratégias que dinamizam as aulas de literatura e fazem com que os alunos se apercebam da linguagem literária. Assim o ensino de literatura passará a ser vivenciada enquanto experiência transformadora e não simplesmente como a assimilação de textos decodificados.

4.2.3 O trabalho com o texto poético: a leitura de poesias em sala de aula pelo professor em voz alta com toda carga de emotividade e musicalidade que o texto propõe, desperta a sensibilidade do aluno. Após a leitura do professor, sugere-se que os alunos leiam em coro; depois, promove-se um jogral desses textos, um concurso de recitação individual, produção de antologias em conformidade com temáticas de livre escolha. Essas produções seriam expostas para toda a escola. Os festivais de poesias, em parceria com empresas da cidade, levam o aluno a produzir seus textos, motivando-os à leitura. Os melhores textos seriam escolhidos para publicação, assim como seriam divulgados no mural da escola, nos jornais e revistas da cidade. A poesia tem grande aceitação no meio estudantil, conforme atestam os dados dos questionários: 27,77% dos alunos da escola privada, e 33,33% dos alunos da escola pública afirmaram gostar de poesia. Sendo assim, as estratégias aqui apresentadas podem despertar no aluno o gosto pela leitura poética e fazer com que percebam a linguagem polissêmica e recursos expressivos utilizados pelos poetas em seus textos.

4.2.4 A leitura compartilhada – rodízio do livro: nesta estratégia pode-se utilizar a troca de livros entre professor e aluno. As leituras devem ser de textos longos, romances, novelas, para que sejam lidos em casa. A escolha dos livros se processará em conformidade com o gosto literário dos alunos. Estipula-se um prazo para a concretização das leituras, para que ocorra o rodízio entre eles. Antes, porém, de ocorrer a troca dos livros, cada aluno procurará propagar a história lida, para assim causar interesse no demais. Dessa forma, com certeza, haverá intercâmbio de leituras, favorecendo a professor e alunos, e trará novos elementos para ambos, pois ocorrerá a leitura espontânea como é a leitura do mundo, posto que acontecerá uma experiência acumulada, fazendo com que a quantidade de leitura gere qualidade. Quando todos tiverem concluído a leitura (um semestre para o rodízio), o professor passa a debater, discutir, promover seminários literários das obras lidas. O aluno poderá também dramatizá-las, produzir narrativas em forma de poesia, cordéis, tudo de acordo com a sua criatividade e habilidade. Esse rodízio poderá culminar com a semana cultural da escola.

4.2.5 A estratégia da predição: que consiste na obtenção de informações do texto que o aluno possa ter armazenadas em sua memória. A partir do título do texto, que poderá ser uma poesia, a letra de uma música, começa-se a fazer inquirições. As predições dos alunos serão listadas no quadro, e assim a cada parada de leitura feita pelo professor, vai-se causando mais expectativas nos discentes. Após o processamento das informações e a interação com as imagens visuais, o aluno confirma ou rejeita o que viu. Depois de inquirido, lido, o professor

pode pedir aos alunos que recriem o texto livremente. Recriar é uma estratégia que favorece a criatividade do aluno, assim como exercita a linguagem escrita. Quando todos os alunos tiverem feito suas produções, parte-se para a leitura em voz alta (lê quem quiser). Depois, faz-se uma votação entre eles para que escolham os melhores textos, para que sejam expostos. O objetivo maior desta estratégia é dotar o aluno de um propósito de leitura que satisfaça seus anseios, ampliando seus conhecimentos, preparando-o para a fruição e apreensão do texto literário com suas múltiplas facetas.

4.2.6 O trabalho com o texto jornalístico: muito em gosto nos concursos vestibulares, os textos jornalísticos podem ser trabalhados em sala de aula de forma dinâmica e criativa. Levar jornais e revistas para serem lidos e manuseados pelos alunos, chamando a atenção para os tipos de textos que esses mecanismos sugerem, é uma boa oportunidade para que os alunos tomem contato com esses meios de comunicação. De que forma explorá-los? As manchetes espetaculares são uma boa sugestão. Elas seriam distribuídas entre os alunos sem seus textos originais. Antes, porém, seria interessante levá-los a refletir sobre a finalidade das manchetes; depois, professor pediria que os alunos lessem suas manchetes e produzissem seus próprios textos. Em seguida, quando tivessem concluído suas produções, o professor pediria que cada um fizesse a sua leitura, ou então distribuir pequenas notícias e pedir que os alunos escrevam as manchetes. Classificados, anúncios, receitas, reportagens, podem transforma-se em belos textos poéticos, assim como esta receita poética:

Ao sair de casa, deixe o ciúme amarrado atrás da porta. Leve com você apenas a compreensão e a confiança que você tem em si mesma. Não deixe fantasma da desconfiança bater em sua morada. Sinta-se livre. Lembre-se: ninguém é dono de ninguém. Respeita o outro e viva sempre feliz. (Aluna do 1º ano do ensino médio)

Como se percebe, são estratégias que podem dar certo, além de estimular no aluno o desejo da criação de um jornal na escola, com um cantinho especial para poesia.

4.2.7 Os textos virtuais: preferidos por muitos alunos que responderam o questionário para discentes, podem ser trabalhados com criatividade. A criação de *blog virtual*, *e-mail (correio eletrônico)* e *slides* (para criação de charges, tirinhas e quadrinhos) diversificam e aproximam o aluno de sua realidade. Mas, para isso, a escola tem que dispor de um laboratório de informática, e o professor ser conhecedor dos mecanismos cibernéticos. Após a criação desses textos, com auxílio de monitores, escolhe-se os melhores para serem publicados no meio

virtual, promovendo dessa forma, o estímulo para que o aluno continue a produzir, criar e se orgulhar do que faz.

Foram apresentadas nesse contexto estratégias que podem dinamizar e tornar mais atraentes e prazerosas as aulas de literatura. Porém, para que elas se concretizem é imprescindível que os alunos leiam diariamente com objetivos significativos. A motivação para a leitura deve partir dos interesses dos alunos em situações em que aconteçam diálogos, cooperação e confronto de opiniões. É importante o incentivo cultural, o sentido lúdico e estético da língua, o gosto por falar e escrever. Assim, o professor será o mediador dessas leituras e deverá usar de criatividade e inteligência para motivar, estimular e entusiasmar o aluno, a fim de que possa levá-lo a descobrir a magia das palavras. Caberá à escola apoiar os projetos de leitura e subsidiá-los, para que possam atingir os objetivos desejados. Afinal, ler é proposição para entender o mundo, pois a leitura ajuda a viver. Quem lê se informa, identifica-se, transfere-se, anima-se, aprimora conhecimentos e se firma na escrita.

4.2.8. O relaxamento literário se constitui como estratégia metodológica a ser aplicada numa perspectiva introdutória, orientando-se pelo intuito pedagógico de aproximar o texto literário – seus significados e lirismo, etc. - do leitor aluno através da subjetividade e emotividade. Essa estratégia favorece o envolvimento da turma com o conjunto de elementos significativos do texto, uma vez que o professor organiza um enredo oral capaz de impactar positivamente o aluno. Não obstante ao objetivo exposto anteriormente, o relaxamento literário tem a finalidade de fazer com que o aluno penetre no mundo fictício do personagem de obras da literatura universal, ou não, vivendo-o intensamente.

O professor deve dispor de um aparelho de som com cd's de músicas instrumentais e convidar os alunos a relaxarem mergulhando na melodia e entrando em sintonia com as suas palavras, que terá elaborado um texto baseado numa obra literária cuja idéia principal seja significativa e pertinente ao nível de assimilação de turma. O aluno necessita ser estimulado a incorporar o personagem central, sem que o professor revele o desfecho da história, deixando a cargo do discente a leitura integral da obra para descobrir outros elementos literários.

Ainda no início da aplicação da estratégia proposta, apresenta-se como necessária a contextualização histórica e geográfica, destacando o embrulho cultural visualizado na obra.

4.2.9. Um assunto puxa o outro é uma atividade que dinamiza as aulas de Literatura e amplia os conhecimentos do aluno. O professor sugere um texto onde apareçam referências a

personagens de obras universais ou nacionais, famosas ou não, para se trabalhar em sala de aula. Após a leitura, passa-se à discussão.

À proporção que forem surgindo elementos de outras obras, pede-se que o aluno faça uma pesquisa sobre o assunto para levá-lo ao entendimento do texto. Daí pode-se fazer comparações entre o passado e o presente, realidade e ficção, componentes da personalidade das personagens, tradições, espaços e arranjos estilísticos, mostrando, dessa forma, que a Literatura é ampla e ao estudá-la, percebe-se a diversidade de mundo, de sentido, etc.

Considerando a dinâmica complexa que envolve a significação do texto literário, o professor deve ter competência para abordar outros aspectos emergentes que se tornem apreensíveis a partir da relação entre o texto estudado e as reações dos alunos.

4.2.10. *Explorando o fantástico* - Para simbolizar emoções, sentimentos, atitudes humanas e até alguns conceitos abstratos (razão, justiça, beleza), a antiguidade clássica criou seres mitológicos, apresentando um caráter universal. A Literatura traduz e publica obras de vários autores gregos e latinos. Explorar essas figuras, penetrar nesse mundo ficcional estudando os textos clássicos, árcades, românticos, faz com que o aluno participe das aulas de Literatura com mais interesses e disposição, levando-o a se envolver com o universo temático resultante da imaginação do homem que cria e representa a realidade tendo em vista tornar legíveis suas respostas e explicações para o que o cerca.

O professor pode orientar uma pesquisa bibliográfica antes de iniciar o tema, efetivando a interdisciplinaridade com as áreas do saber histórico e filosófico, além de propor a reelaboração de textos mitológicos considerando o contexto atual de relacionamento social e produção da cultura, compondo novos arranjos para as personagens clássicas e modificando os desfechos narrativos. Em relação à utilização do texto poético, as alternativas são múltiplas e diversificadas, mas todas elas se versam no intuito de fazer com que o aluno apreenda a relação que a presença de seres mitológicos tem com os sentidos dos textos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações que estão contidas neste trabalho monográfico sobre as práticas de literatura em salas do ensino médio pode-se chegar a conclusões que levarão docentes e discentes a refletirem sobre as formas que essa disciplina vem sendo ministrada.

Literatura é arte, porém não se trabalha com o seu objeto real, o texto literário. Daí os equívocos cometidos em relação à sua prática. Como arte da palavra, a literatura é a forma de expressão mais utilizada pela humanidade. Ela é também humanizadora e tem uma função social definida, a de contribuir no processo de transformação da sociedade.

O que se percebe nas aulas de literatura é que os professores usam como guia os livros didáticos para ministrarem suas aulas, e neles a abordagem histórico-literária vem em primeiro plano, seguidas de estilos de época, características, biografismos, resumos, fragmentos de obras literárias que acrescentam muito pouco ao saber do aluno, além de levá-lo ao enfado e ao desinteresse pela mesma. O texto literário, objeto primordial desses estudos, quando solicitada sua leitura, é para que o aluno se submeta a avaliações para nota. Essa prática não estimula à leitura nem causa prazer, posto que é uma leitura imposta. Isso acontece tanto na escola privada quanto na pública; essencialmente, na privada com as obras dos concursos vestibulares.

Em questionamentos dirigidos a docentes e discentes de uma escola privada e outra pública percebeu-se a dificuldade que ambos têm de conceituar Literatura. Professores e alunos estão perdidos, angustiados, por isso Cosson (2006) chega a decretar a falência do ensino de literatura nas escolas brasileiras, porém a dinâmica do ensino permite pensar que as práticas educativas, num diálogo entre docente e discentes, podem ser modificadas a partir da transformação do sujeito. Transformação essa que faz parte da própria concepção de literatura. Se assim não fosse, não haveria razão para a existência deste trabalho.

Pressupondo-se que o estudo de literatura é essencial nas atividades de leitura, é preciso que as escolas se voltem mais para os projetos de leitura, façam seus planejamentos pedagógicos direcionados a essa prática, cabendo ao professor desenvolver estratégias que motivem e estimulem o aluno ao hábito de ler, levando-o a perceber que a leitura vai muito além da decodificação das palavras, porque o processo de análise e interpretação, assimilação, prazer e fruição se constituem no lado mais agradável das aulas de literatura; portanto, os mecanismos de motivação, estratégias inteligentes poderão mudar a apatia em que se tornou as aulas literárias. Ivanda Martins, em seu texto: *A Literatura no Ensino Médio: quais os*

desafios dos professores? Aponta que:

... há uma necessidade evidente de reavaliação das metodologias direcionadas ao ensino de Literatura, visando à busca de alternativas didáticas de ensino-aprendizagem capazes de motivar os alunos à leitura por prazer. (2006, p.91)

Não podemos deixar de concordar com Ivanda Martins na colocação que faz em relação às mudanças metodológicas, pois os próprios alunos se sentem incomodados com a mesmice das aulas de literatura. Percebe-se esse incômodo nas respostas que ele deram aos questionamentos que lhes foram direcionados no segundo capítulo deste trabalho; quando se questionou como deveriam ser as aulas de literatura. Dinamismo, debate de textos literários, palestras, seminários, exposição de documentários, dramatizações e filmes foram sugestões dos alunos das duas escolas questionadas. Para eles, esses tipos de aula, seriam mais atraentes e proveitosas.

Os alunos já não são tão passivos; eles são inquietos, dispõem de muita energia e criatividade; e o professor tem que acompanhar as mudanças que se operam no meio estudantil, divisando as transformações que o momento atual exige. Ele deve tomar a iniciativa de rever e modificar a sua metodologia, buscando estratégias que satisfaçam os anseios dos alunos, e os motivem à leitura por prazer, como afirma Ivanda.

As propostas aqui apresentadas podem ser utilizadas com boas perspectivas de dar certo. Basta que o professor seja amante da leitura, que se entusiasme com ela, deixando transparecer essa paixão para os alunos; que ele seja também um contador de histórias, um recitador de poesias, um artista do palco da arte de ensinar. E, a Literatura já propõe tudo isso, além do envolvimento, cumplicidade, sensibilidade e emoção. É só usar a inteligência e criatividade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANZIGER, Marliesk. *Introdução do estudo crítico da Literatura*; Cultrix, São Paulo, 1974.

BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*; Ática, 2 ed. São Paulo, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos: Direito à Literatura*; Ouro sobre Azul, 4 ed. Duas Cidades: São Paulo, 2004.

_____. *Literatura e Sociedade*; 8 ed. T. A. Queiroz Editor, São Paulo, 1961.

AGUIAR, Victor Manoel. *Teoria da Literatura*; 3 ed. Livraria Almedina, Coimbra, 1979.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*; Cultrix, São Paulo, 1977.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: A formação do leitor*; Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

LEAHY, Dias. *Língua e Literatura: uma questão de educação*; Campinas, São Paulo, Papyrus, 2001.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário, teoria e prática*; Contexto, São Paulo, 2006.

PINHEIRO, Helder; NOBREGA, Marta (Orges.) *Literatura, da crítica à sala de aula*; Bagagem, Campina Grande, 2006.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o ensino médio: Linguagem, Códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*; 6 ed. Ática, São Paulo, 2004.

CEREJA, William. *Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*; Atual, São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*; Autores Associados, 30 ed. Cortez, São Paulo, 1983.

BARTHES, R. In: BARBATO, Silviani (Orgs.). LONTRA, Hilda O. Hartmann; CORRÊA, Vilma Reche. *Aprofundamento do saber disciplinar*; Moderna, São Paulo, 2005.

CAILLOS, Roger. *Arte poética*. In: MAIA, João Domingues; *Português*; Ática, São Paulo, 2000.

CLECIO, Bunzen. MENDONÇA, Márcia (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. In: MARTINS, Ivanda. *A Literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?* São Paulo: Parábola editorial, 2006.

YUNES, E, OSWALD, M. L. (orgs.). *A Experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.

TERRA, Ermani. NICOLA, José de. *Português de olho no mundo*. São Paulo: Scipione, 2004.

APÊNDICE A: Questionário para discentes



Universidade Federal
de Campina Grande

**Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Letras
Cajazeiras - PB**

Programa de Pós-graduação *lato sensu* em Estudos Literários

O ENSINO DE LITERATURA: Práticas correntes e propostas didáticas

Pesquisadora: Sônia Maria Russo Barreto

Prof^a Orientadora: Dr^a Naelza Araújo Wanderley

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

1 Identificação

1.1 Idade: _____ Série _____ Sexo: () Masculino () Feminino

1.2 Escola: () Pública () Privada

2 O que você entende por Literatura?

3 Que avaliação você faz das suas aulas de Literatura?

- () Ótimas
() Boas
() Regulares
() Ruins
() Péssimas

4 Você gosta de ler? () SIM () NÃO Por quê?

5 Por qual motivo você costuma ler?

- Vontade própria
 Recomendação de amigos
 Obrigação, quando o professor solicita
 Indicação de televisão, jornais ou outros meios de comunicação
 Não ler de forma alguma

6 Para você, como deveriam ser as aulas de Literatura?

7 Quais as fontes de leitura que você mais utiliza?

- Jornais e revistas Gibis Romances Contos
 Crônicas Textos virtuais Poesias Textos Científicos

8 O professor de literatura incentiva e estimula os alunos a ler?

9 Cite alguns livros que você leu ou está lendo por indicação do professor ou por conta própria:

10 Como o professor explora as obras literárias indicadas para leitura?

- Resumos
 Seminários
 Resenhas
 Discussões sobre a obra
 Avaliações escritas

- Dramatizações
- Não faz nenhum tipo exploração

11 Houve algum ponto que você gostaria que tivesse sido considerado e que não foi abordado neste questionário?

APÊNDICE B: Questionário para docentes



Universidade Federal
de Campina Grande

**Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Letras
Cajazeiras - PB**

Programa de Pós-graduação *lato senso* em Estudos Literários

O ENSINO DE LITERATURA: Práticas correntes e propostas didáticas

Pesquisadora: Sônia Maria Russo Barreto

Prof^a Orientadora: Dr^a Naelza Araújo Wanderley

QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

1 Identificação

1.1. Idade: _____ Nível de formação acadêmica: _____

1.2. Instituição: () pública () privada

1.3. Há quanto tempo exerce funções docentes? _____

2 Emita sua opinião sobre o que você concebe sobre Literatura?

3 Na sua concepção, qual as razões do ensino da Literatura no Ensino Médio?

4 Quais as estratégias metodológicas que você aplica nas aulas de Literatura?

(Alternativas múltiplas)

() Aulas expositivas

() Leituras de obras literárias

() Acompanhamento de livro didático adotado pela rede de ensino

() Pesquisas literárias

() Produção textual. Que tipo? _____.

() Dramatizações de obras literárias brasileiras

5 Para você, o que é *mais importante* enquanto conteúdo do programa curricular de Literatura no Ensino Médio?

- () História da Literatura
() Gêneros Literários
() Estilos de época
() Textos e obras literárias de autores brasileiros
() Textos e obras da Literatura universal
() Características e temáticas
() Biografia dos autores
() Conteúdos para vestibulares

6 Quais as competências *primordiais* que devem ser desenvolvidas nos alunos por meio do ensino de Literatura no Ensino Médio?

- () Capacidade de memorização histórico-literária
() Análise e interpretação de textos literários
() Leitura comparativa entre textos
() Expressão oral e escrita
() Pesquisa biográfica

7 A quem você atribui o desinteresse dos alunos em relação à Literatura?

8 O que lhe motivou a ensinar literatura no nível médio?

9 De que forma você trabalha o texto literário em sala de aula?

- () Resumos de obras
() Dramatizações
() Resenhas
() Ilustrações de cada período literário
() Exploração biográfica

() Discussões e debates

10 Você trabalha literatura separadamente ou atrelada à gramática, redação etc.?

11 Houve algum aspecto que não foi abordado neste questionário que você considera relevante em relação ao ensino de literatura em salas de ensino médio?
